

PLANTAS MEDICINAIS NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DE IDOSOS: SABERES E FAZERES

Jaqueline Mendes da Cunha¹; Michelle Costa Araújo Arruda¹; José Jorge Casimiro dos Santos²;
Zélia Maria de Arruda Santiago⁴

*Universidade estadual da Paraíba, jmcunha3108@hotmail.com; Universidade Estadual da Paraíba,
Araujo.arruda_77@hotmail.com; Universidade estadual da Paraíba, jorge.cassimiro14@gmail.com; Universidade
Estadual da Paraíba, zeliasantiago@yahoo.com.br*

Introdução

A Psicologia Social, particularmente nas últimas décadas, tem desenvolvido microteorias contemplando a velhice, contribuindo ao lado da Psicologia da Personalidade no entendimento dos diversos fatores intrínsecos ao processo de envelhecimento com intervenções psicossociais propiciadoras de melhores condições de vida ao idoso (NERI, 2002). É importante pontuar a questão do envelhecimento populacional não em termos do que os idosos representam aos fundos de pensão, serviços de saúde ou o aumento previdenciário, mas como mudanças de concepção quanto a sua participação ativa e continuada na sociedade. Relevar os idosos como indivíduos pertencentes ao processo do desenvolvimento humano, no qual revelam diferentes potencialidades e capacidades, como a experiência, a responsabilidade, a assertividade, a sabedoria, dentre outros. Em cujo processo se insere ao exercer um papel de agente ativo, atuante de forma dinâmica na estruturação da sociedade, contribuindo para desconstruir estereótipos negativos de que são seres incapazes e inúteis (ARAÚJO, 2004; ARAÚJO & CARVALHO, 2004).

As representações sociais sobre a velhice têm implicações na vida social cotidiana, à medida que os comportamentos adotados por um indivíduo ou grupo de indivíduos, acometidos desta prática, resultem do modo como eles representam socialmente tal prática e do significado pessoal que esta prática adquire em suas vidas (ARAÚJO & CARVALHO, 2005). A rede de suporte em termos dos estereótipos relacionada ao idoso, elaborada e desenvolvida pela família, precisa ser repensada ao que se propõe em termos de assistência às suas necessidades. É fundamental que a família repense seu papel de cuidador ao se reorganizar em consideração as necessidades advindas da presença do idoso no convívio familiar (VIEIRA, 2004), pois a falta de cuidado ao idoso na família decorre destes estereótipos negativos construídos socialmente. O processo de construção das

representações sociais da velhice processa-se nas trocas de conhecimentos populares e científicos, através de experiências grupais e sociais que se repetem ao longo da vivência dos indivíduos.

Este texto aborda o envolvimento dos idosos com a metodologia de ensino na educação formal, junto às experiências que eles trazem consigo a compartilharem no espaço escolar. Ao fazer uso da metodologia compartilhada com as idosas incentivam as crianças a valorizarem o seu conhecimento e seus ensinamentos, despertando nestes alunos o interesse pela aquisição de novos conhecimentos, através das experiências populares dos idosos, neste trabalho, seus saberes e fazeres com o uso das plantas medicinais no tratamento de doenças ou sintomas (gripe, diarreia, dor de cabeça, má digestão, etc). Esta metodologia aproxima saberes escolares dos saberes populares dos idosos, proporcionando-lhes uma dinâmica na sua rotina cotidiana, estes sendo incluídos na escola de forma intergeracional, demonstrando-lhes que são capazes de compartilharem seus conhecimentos no espaço escolar e, que este conhecimento, contribui na formação de cidadãos conscientes quanto aos valores humanos.

Metodologia

A pesquisa funda-se numa abordagem qualitativa, uma vez que condiz com a definição de Bogdan e Biklen (1994, p. 11) ao entendê-la como “[...] uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais”. Ela foi realizada no município de Aroeiras-PB, tendo como participantes 12 avós de alunos de uma escola da zona rural. Tendo-se como instrumento de coleta de informações um questionário contendo sete perguntas e um convite direcionados aos participantes, cujas perguntas objetivaram conhecer sobre seus saberes e práticas cotidianas com o uso das plantas medicinais, se mantinha o cultivo destas plantas em casa, sobre o efeito medicinal destas plantas, a frequência de sua utilização e para qual finalidade, sobre as plantas (remédios caseiros) mais utilizadas pela família, ainda, sobre as dificuldades de mantê-las em casa, se há diminuição no seu uso cotidiano. Em paralelo, buscou-se verificar qual a opinião das avós sobre os remédios farmacêuticos e, finalmente, um convite no sentido de saber se elas podiam contribuir para o aprendizado dos netos com um breve relato acerca dos seus conhecimentos a respeito das plantas medicinais plantadas em casa e sua utilidade nos cuidados da saúde básica cotidiana.

Na seqüência foi realizada uma palestra na escola focalizando a contribuição dos seus saberes e fazeres quanto ao uso das plantas medicinais, a conscientização do seu uso, a importância da orientação medica em relação ao uso das plantas medicinais, sua contribuição na produção de

medicamentos farmacêuticos e, nesta etapa, os momentos de compartilhamento entre avós e alunos por meio de algumas amostras de plantas medicinais (Boldo, Erva-cidreira, Capim-santo, Erva-doce, entre outras) relatadas pelas avós.

Resultados e Discussão

Avaliando os questionários (Tabela 1) percebeu-se o nível de conhecimento que as avós trazem consigo além da importância que elas atribuem às plantas medicinais. Nos questionários as avós demonstraram que conhecem as plantas medicinais de uso cotidiano, revelando que mantinham algumas plantadas para o consumo próprio e junto à família, todas apresentando conhecimentos sobre a finalidade usual das plantas. Este, para fins de tratamento de alguma virose ou mal estar, sendo feito chás com pouca frequência, outras citando que adotaram o consumo dos chás com maior frequência devido ao abandono do uso do café. Muitas revelam a escassez do seu cultivo por falta de água na região durante a estiagem ao comprometer o cultivo das plantas, em alguns casos o solo arenoso não permite o seu plantio diretamente no solo, mas em “bacias velhas, latas, baldes, pneus e garrafas” (Imagem 1), embora, alguns alunos morem em lugares que permitem o plantio no solo (Imagem 2, 3 e 4.). Nas respostas, a maioria das avós alegou que a diminuição do plantio e seu consumo são influenciados pelo surgimento de diversos tipos de remédios, devido à facilidade de acessibilidade, a distribuição gratuita nos postos de saúde e, em alguns casos, a compra sem receita médica. Algumas alegaram não confiar plenamente na eficácia dos remédios farmacêuticos, por isso, preferindo fazer seu próprio remédio caseiro.

Tabela 1: Perguntas e respostas destinadas as avós.

Conhecimento do senso comum sobre plantas medicinais	
Questões	Respostas
01- Você conhece alguma planta medicinal usada para chás ou outros medicamentos. Justifique!	100% alegaram conhecer plantas medicinais
02-Você tem na sua casa plantações ou mudas de plantas medicinal? Caso tenha quais são as plantas?	R1: Sim; Capim santo, boldo, erva cidreira R2: Sim; Mastruz, Colônia, romã R3: Não 92% relataram ter planta medicinal em casa
03-Você já utilizou chá ou outro remédio caseiro para curar alguma virose? Justifique!	R1: Garganta inflamada, febre. R2: Gripe, tosse, Febre.

	100% relataram ter utilizado algum remédio caseiro.
04-Levando em consideração sua experiência como dona de casa e mãe de família, quais são os remédios caseiros mais utilizados na família?	R1: Chá, lambedor de cebola branca. R2: Chá de romã, lambedor.
05-Você acha que as pessoas deixaram de utilizar as plantas medicinais caseiras? Por quê?	R1: Porque agora tem remédios nas farmácias. R2: As pessoas acham mais fáceis comprar. 80% dizem que foi por causa das farmácias.
06-Você confia nos remédios vendidos nas farmácias? Por quê?	R1: Não; porque tomamos e as vezes não melhoramos. R2: Sim; Por que é passado pelo medico. 85% Confiam
07-Caso você tenha plantas medicinais em casa, qual dificuldade de manter seu cultivo?	R1: Falta de água. R2: Lugar para plantar. 75% alegaram a falta de água
08-Você gostaria de compartilhar estes conhecimentos com alunos e netos no espaço escolar?	100% confirmaram participação

De posse dos questionários já respondidos, os alunos apresentaram os resultados obtidos, e ficaram impressionados ao constatarem que todos os participantes fazem uso e cultivam plantas medicinais em suas residências. As avós participantes desta pesquisa aceitaram o convite para compartilharem estes conhecimentos com os alunos das séries iniciais, percebendo-se a troca de ensino e aprendizagem intergeracional quando os alunos relataram entre si e as avós tais saberes e experiências.

Imagem 1: Hortelã plantada em balde



Imagem 2: Pé de Mastruz plantado no solo



Imagem 3: Pé de cebolinha branca



Imagem 4: Pé de romã



O uso das plantas medicinais é baseado no conhecimento popular que foi passado de geração a geração, entretanto sem o conhecimento científico a respeito da real eficácia da planta. Este tema faz parte do cotidiano dos alunos, pois estes já fazem uso dessas plantas levando em consideração apenas o conhecimento popular sobre o seu poder de cura, sem conhecer uma possível ação tóxica da planta sobre o organismo.

O encontro realizado na escola aconteceu de forma intergeracional, alunos com avós compartilhando experiências, elas passando aos alunos um pouco dos conhecimentos medicinais oriundos das plantas que aprenderam com suas mães no passado, cujos saberes preservam há vários anos. Cada avó levou à sala de aula uma planta medicinal, sendo interrogadas sobre a sua utilidade e como podia ser consumida, ou se existia alguma contra indicação. Os alunos permaneciam curiosos ao fazerem perguntas, relatando de que forma utilizava as planta medicinal ora explorada. No último momento do encontro foi distribuído entre as avós, alunos e funcionários da escola algumas amostras das plantas trabalhadas em sala de aula.

Conclusões

Durante a realização dos questionários houve interesse dos alunos em participarem de uma prática educativa diferente ao envolver familiares. Esta atividade pedagógica foi desenvolvida em função das avós junto aos netos e outros alunos na escola, com a finalidade de compartilharem seus conhecimentos durante as trocas de ensino e aprendizado, sobretudo no que diz respeito à procura do local para o seu plantio, cultivo, manuseio, utilidade, e maneira de consumir.

Este momento permitiu aos alunos que percebessem a importância da discussão em torno dos saberes e fazeres que as idosas guardam consigo, utilizando-os no dia a dia, os quais, muitas vezes, não são valorizados pelas pessoas da família, da vizinhança e, até mesmo, da escola.

Percebeu-se o interesse dos alunos ao ver membros da sua família na escola compartilhando práticas educativas da sua vida cotidiana, sendo possível participar e colaborar com o aprendizado dos seus netos (as). O encontro deixou evidente que o saber e o conhecimento não estão apenas dentro dos muros escolares, mas na vida cotidiana e experiências empíricas de cada pessoa, os quais perpassam gerações, sendo preservados e transmitidos no ensino formal e informal em diferentes espaços da sociedade, não restrito ao espaço escolar.

Palavras-chave: Idosas, Plantas Mediciniais, Saberes, Fazeres.

Referências

ARAÚJO, L. F. Velhice e Instituições Geriátricas: um Estudo das Representações Sociais. Monografia de Especialização em Gerontologia. Universidade Federal da Paraíba, JP-PB, 2004.

ARAÚJO, L. F.; CARVALHO, V. A M. Velhices: Estudo Comparativo das Representações Sociais entre Idosos de Grupos de Convivências. Textos sobre Envelhecimento, v. 1, n. 6, 2004, pp. 57-75.

ARAÚJO, L. F. ; CARVALHO, V. A. M. L. E. Aspectos Sócio-Históricos e Psicológicos da Velhice. Mneme, UFRN, v. 06, n. DEZ-JAN, p. 01-12, 2005.

BOGDAN, R.C. e BIKLEN, S.K. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

NERI, A. L. Teorias Psicológicas do Envelhecimento. In Freitas, E. V.; Cols. (orgs.) Tratado de Geriatria e Gerontologia. Rio de Janeiro-RJ: Guanabara Koogan, 2002, pp. 32-45.

VIEIRA, E. B. Manual de Gerontologia: um Guia Teórico-Prático para Profissionais, Cuidadores e Familiares. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.